

A EDUCAÇÃO PARA ALÉM DO CAPITAL

Fernando José Martins¹

MÉSZÁROS, István. **A Educação para além do Capital**. São Paulo: Boitempo, 2005.

A obra que ora é resenhada tem em sua formulação e socialização elementos reveladores e de essencial importância para compreensão de seu conteúdo. O autor, István Mészáros, grande intelectual húngaro, radicado na Inglaterra, pensador de estreitos vínculos com a escola de Luckacs e Agnes Heller, além de manter uma rigorosa e profunda tradição marxiana, é um dos maiores intelectuais marxistas contemporâneos. A presente obra é oriunda da conferência de abertura do III Fórum Mundial de Educação, realizado em Porto Alegre, no dia 28 de julho de 2004. Esse contexto é revelador. Dada a importância e a perspectiva do espaço, o fórum é uma arena de contraposição ao *status quo* hegemônico e, com desprendimento e expectativa dos participantes, Mészáros fornece sua contribuição teórica, visando a contribuir para a construção de uma outra educação e uma outra sociedade. Na ocasião, na qual o Gigantinho estava completamente lotado (fui testemunha ocular), o autor, além da instrumentalização teórica, fornece emblemática sensibilidade aos presentes, realizando sua conferência em língua portuguesa, em respeito ao público. A obra escrita é publicada no Brasil pela Boitempo Editorial, com tradução realizada por Isa Tavares, apresentada por Ivana Jinkings e prefaciada por Emir Sader, além

de comentários de Gaudêncio Frigotto. Um detalhe pode passar despercebido, embora seja de fundamental importância para destacar a práxis militante do autor: to-

¹ Doutorando em Educação. Desenvolve atividades no Centro de Educação e Letras, da UNIOESTE, Campus de Foz do Iguaçu.

dos os direitos autorais de sua obra no Brasil são doados ao Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra.

O texto é constituído de reflexões na apresentação e no prefácio, que auxiliam sinteticamente o leitor a abstrair, no mínimo, quatro afirmações que dão sustentação no decorrer da obra. A tese do autor: a separação entre pensar e fazer, que a escola deve buscar sua superação; a relação entre trabalho e educação; os limites da escola como agente transformadora da sociedade; a indissociabilidade entre uma outra escola e uma outra sociedade, do ponto de vista da transformação social.

O texto, embora curto, apresenta pequenas subdivisões e inicia considerando *A incorrigível lógica do capital e seu impacto sobre a educação* e segue na afirmação de que não é possível uma real mudança no quadro educacional se a correspondente mudança societal não acontecer. Para ilustrar que “as determinações fundamentais do sistema do capital (são) irreformáveis” p. 27, ele utiliza como exemplos a teorização e as atitudes práticas de duas figuras emblemáticas: Adam Smith e Robert Owen. Por mais honestas que sejam, ou mesmo lógicas, as tentativas de incorporar mudanças no sentido educativo, mantendo inatingíveis os pressupostos do sistema metabólico societal, - o capitalismo - não passarão de tentativas e todas frustradas. Isso leva o autor a desdobrar seu raciocínio, sustentado na premissa que dá nome ao segundo subtítulo: “As soluções não podem apenas ser formais: elas devem ser essenciais”. Ao afirmar o caráter essencial das soluções, um ponto é destacado: a insuficiência da educação formal no processo de mudança, pois ela não é a força ideologicamente primária de sustentação ao sistema capitalista. Na construção de uma contra hegemonia, a educação formal tem sua participação; esta necessita no entanto, de estar vinculada a um processo consciente de ação coletiva.

Seguindo a lógica de que a educação formal não é o único locus de transformação, mesmo no que se refere a uma educação para além do capital, o autor elabora um terceiro item em seu livro: “A aprendizagem é a nossa própria vida, desde a juventude até a velhice” em que, inicialmente, mostra o caráter elitista de atribuir à educação formal um caráter de formação intelectual do povo, quando essa educa para a “civilidade” e contra a “desordem”. Contudo, o autor adverte para a necessidade da construção de uma outra educação, pois “Necessitamos, então, urgentemente, de uma atividade de contra-internalização, coe-rente e sustentada, que não se esgote na negação” p.56. Esse

raciocínio remete à corroboração de duas premissas: a primeira, de que a internalização ou o processo educativo é necessário na formação da sociedade, mesmo para um projeto de sociedade para além do capital; a segunda, que a crítica ao sistema educacional reprodutor deve transcender a sua denúncia e caminhar para um processo de consolidação de práticas educativas concernentes a um outro projeto de sociedade.

O autor faz um movimento interessante na seqüência da obra, pois após a afirmação contundente a muitos teóricos marxistas, ele formula um raciocínio esboçando práticas educativas (no limite de um ensaio) de uma educação para além do capital, que ele concentra no tópico “A Educação como transcendência positiva da auto-alienação do trabalho”.

Mészáros insiste na necessidade de superação da crítica e de avançar na construção de uma nova ordem metabólica societal, pois, mesmo com o foco do ensaio na educação, mudanças nessa educação não são possíveis desvinculadas de mudanças sociais. Para isso, a ação no sentido da mudança é necessária “Pois, na visão de Marx, todas as formas de negação permanecem condicionadas pelo objeto de sua negação”.(p.60). Materializando a ação nas relações educativas, são evidenciados dois conceitos principais: “a universalização da educação e a universalização do trabalho como atividade humana auto-realizadora”. (p.65).

Esses conceitos são colocados de forma indissociável pelo autor, que tem como premissa a articulação de trabalho e educação como sustentáculo de outra ordem social, pois ambos, universalizados e autônomos, são condição necessária para uma sociedade não alienada e auto-gestionada. Como o processo de transformação é perene, faz-se necessária a concepção de inconclusão do processo educativo e, para isso, o autor insere na discussão o conceito de educação continuada. A presente afirmação, remetida aos educadores formais, principalmente inseridos nos quadros de licenciatura no âmbito universitário, traz uma dupla referência. A primeira no sentido da formação incessante, que se dá no trabalho coletivo, internamento sobre “quem educa o educador”. Essas reflexões nos fazem indagar: Esse fenômeno vem ocorrendo realmente? E a segunda reflexão diz respeito às questões: qual a contribuição que a educação não-formal traz ao processo educativo? Como são incorporados os saberes nos movimentos sociais, do trabalho, da cultura na sistematização acadêmica? A indissociável vinculação entre educação e sociedade

está presente nas práticas educativas formais? São questões que o autor levanta, indiretamente, respondendo diretamente: “Portanto, a nossa tarefa educacional é, simultaneamente, a tarefa de uma transformação social, ampla e emancipadora”. (p.76).

Embora o nome e as circunstâncias de realização da obra remetam a um foco mais específico aos educadores, *Educação para Além do Capital* é um livro que auxilia a todos interessados em uma leitura que oportunize reflexões concernentes a uma ordem social contraposta ao capitalismo. Desse modo, altamente recomendado a educadores, professores, estudantes de licenciaturas e militantes sociais.